

Complexo processo de interinfluências Lélia Gonzáles e os estudos sobre cultura popular nos anos 1970

HELICIO HERBERT NETO

*Universidade Federal Fluminense
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil*

ID 3133

Recebido em

05.02.2025

Aceito em

27.03.2025

Entre 1976 e 1979, a intelectual Lélia González esteve à frente de cursos sobre a presença negra no universo cultural brasileiro. Por meio da abordagem histórica, este artigo propõe-se a examinar os documentos relativos às aulas ministradas pela professora para compreender de que modo elementos de grande popularidade como futebol, samba e carnaval aparecem no pensamento da autora. O estudo coloca em perspectiva pioneirismos nas pesquisas a respeito da cultura popular no país, redimensiona o legado dessa pensadora do movimento antirracista e oferece indícios sobre o processo de abertura política nos últimos anos da ditadura civil-militar (1964-1985) a partir da sua experiência.

Palavras-chave: Lélia González. Cultura popular. Futebol. Samba. Carnaval.

Complex Process of Inter-Influences: Lélia González and the Study of Popular Culture in the 1970's

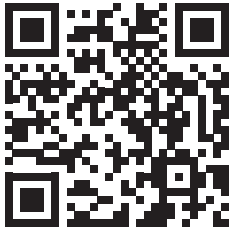
Between 1976 and 1979, the professor Lélia González taught courses about the black presence in Brazilian culture. Using an historical approach, this article examines documents related to classes during the period to understand how expressions of popularity such as soccer, samba, and carnival appear in the author's thinking. The study relativizes pioneering research on popular culture in the country, reshapes the legacy of this thinker of the black movement, and offers clues about the process of political opening in the last years of the civil-military dictatorship (1964-1985) based on the author's experience.

Palavras-chave: Lélia González. Popular culture. Football. Samba. Carnival.

Complejo proceso de interinfluencias: Lélia González y los estudios de la cultura popular en los años 1970

Entre 1976 y 1979, la intelectual Lélia González dirigió cursos sobre la presencia negra en el universo cultural brasileño. A través de un enfoque histórico, este artículo tiene como objetivo examinar los documentos relativos a las clases en el período para comprender cómo elementos tan populares como el fútbol, la samba y el carnaval aparecen en el pensamiento del autor. El estudio pone en perspectiva investigaciones pioneras sobre cultura popular en el país, redimensiona el legado de esta pensadora del movimiento negro y ofrece pistas, basadas en su experiencia, sobre el proceso de apertura política en los últimos años de la dictadura cívico-militar (1964-1985).

Palabras clave: Lélia González. Cultura popular. Fútbol. Samba. Carnaval.



ORCID

Helcio Herbert **NETO**

Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Jornalismo pela UFRJ. Atualmente, desenvolve pesquisas sobre cultura popular no âmbito do pós-doutorado na UFF.

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: helcio.neto00@gmail.com



Introdução

A maior parte da população brasileira que passa pelas escolas ainda possui esse tipo de perspectiva, amenizada pela tendência condescendente (que se diz 'humanizada') em identificar o negro como infantil, irresponsável, intelectualmente inferior etc. carnaval, futebol e macumba estariam aí para comprovar (González, 2024, p. 160).

A retomada do pensamento de Lélia González enquanto intérprete dos dilemas brasileiros tem trazido à tona passagens pouco conhecidas de sua biografia, e, a reboque desses novos aspectos, foram abertos cenários para estudos em diferentes áreas das Ciências Humanas. Essas alternativas devem-se à atuação da intelectual no ensino e na pesquisa – seja em âmbito universitário, seja em outras instituições que promoviam o conhecimento para turmas que transcendiam os círculos acadêmicos. Se sua participação em momentos determinantes da vida pública havia sido notada por seus contemporâneos, as contribuições para essas múltiplas interpretações ganham tração devido à recuperação de seus escritos.

O propósito deste artigo é, a partir da proposta de revisitar seus trabalhos, avaliar a colaboração de González para os estudos sobre cultura popular, tão caros ao campo da Comunicação. Em especial, por meio dos registros a respeito dos cursos ministrados pela pesquisadora no decisivo intervalo entre o fim dos anos 1970 e o inícios da década seguinte, tratando-se de uma discussão bibliográfica que remonta a um período de grandes transformações para o Brasil. Esta ação ampara-se, entretanto, em gestos abrangentes que reorganizaram publicações esparsas e conferiram coesão à obra da autora décadas depois de sua morte, no ano de 1994. Recentemente, o mercado editorial tem se debruçado sobre seus escritos, em um gesto que não somente relança publicações de sua autoria, mas reúne textos esparsos, com diferentes propósitos. Tal redimensionamento tem como marcos a coletânea *Por um feminismo afro-latino-americano* (2019), *Festas populares no Brasil* (2024) e o perfil biográfico *Lélia González: um retrato* (2024), lançado pela filósofa Sueli Carneiro.

Os três volumes, em maior ou menor grau, carregam fragmentos aos quais ainda não havia sido conferida a devida ênfase, e reposicionam a produção da escritora. A permanência de casos de violência em expressões de grande apelo junto aos brasileiros é uma das explicações que justificam a mobilização de suas reflexões e de seus conceitos atualmente. Gestos racistas contra atletas profissionais, depredações de terreiros de religiões com origens em África e o comportamento reativo ante enredos sobre o continente nos desfiles nos Sambódromos fazem com que seja urgente a discussão acerca do combate à discriminação por meio da valorização das diferentes tendências culturais que ajudaram a dar forma ao Brasil.

A presença de expressões de grande apelo na sociedade é instigante. Inicialmente, porque González com frequência recorre a elementos como o futebol, o carnaval e o samba para mensurar as vastas manifestações de violência no Brasil. Uma leitura pormenorizada de seu trabalho faz emergir, logo em seguida, outro traço provocador: a popularidade é explorada por prismas originais, que privilegiam as ambiguidades locais. Em outras palavras, nas pesquisas predominavam impasses políticos, sociais e culturais – o que faz com que a obra auxilie as discussões acadêmicas atuais. Nada de respostas universalistas ou abstratas para as adversidades enfrentadas por pessoas comuns, no dia a dia.

Os documentos sobre a trajetória de González requerem procedimentos específicos. Do ponto de vista metodológico, a proposta baseia-se em uma soma de estudos que combinam prismas históricos sobre o desenvolvimento de ideias, dos intelectuais e, mais amplamente, da cultura – composta por óticas como as de José Murilo de Carvalho (2000), José Barros (2005), Ricardo Silva (2009) e Elias Saliba (2017). A popularidade é um problema que exige vieses cuidadosos com esse apelo exercido sobre as multidões urbanas. Para essa finalidade, a opção por alicerçar-se na abordagem de Victor Melo e Rafael Fortes (2010) é profícua. As tentativas de assinalar as correlações dos intelectuais com expressões sociais variadas oferecem outro prisma para se deparar com o legado da escritora.

Esta publicação é resultado do exame dos atravessamentos do pensamento social brasileiro na cultura popular, particularmente a partir do advento de técnicas de radiodifusão e da comunicação de longo alcance em tempo real no Brasil, que também incluiu outras personalidades públicas. Especificamente para González, os documentos consultados vieram a público por meio da retomada de sua bibliografia pelo mercado editorial. No entanto, o enquadramento por ora apresentado ainda não havia aparecido. A atenção voltada para registros relativos a aulas suas também não costuma ser frequente, talvez devido à dificuldade de acesso nas instituições de ensino a programas, ementas e grades de cursos do passado. Isso igualmente colabora para atribuir ao trabalho feições singulares.

Diante dessas questões, haverá três seções após esta breve apresentação. A primeira contextualiza o trabalho de González e esmiúça por que a inflexão às vésperas dos anos 1980 é inescapável para as leituras a respeito da cultura popular no Brasil que têm sido empreendidas desde então – e, nessa direção, pioneirismos são postos em xeque em comparação com o interesse pelo trânsito de ideias. A segunda se atém especificamente aos resquícios das aulas conduzidas pela autora no mesmo intervalo, porque existem registros que carregam indicadores de outras óticas sobre a cena pública – atentas à grande popularidade, possibilitam paralelos com esse apelo no século XXI. A terceira, então, reúne as considerações finais.

Necessidade de repensar a cultura: Lélia González e o final da ditadura civil-militar

Lélia González é reconhecida pelo enfrentamento ao racismo no Brasil por meio da agitação política e através da produção intelectual. De acordo com Sueli Carneiro (2024), a atuação no movimento antirracista como militante a promoveu à condição de liderança, com destaque para sua capacidade de congregar diferentes combates contra a desigualdade no país na articulação de marcadores sociais, como gênero e classe, à questão racial. O amálgama desses componentes será fundamental na compreensão do modo como vai ser formulada sua crítica acerca da cultura. É por meio dessa visão centrada no confronto contra a discriminação e pela real mensuração das influências de matriz africana para a formação nacional que serão desenvolvidas as suas reflexões.

Outra esfera significativa do pensamento da autora é sua formação: González concluiu as graduações em História, Geografia e Filosofia (Lélia..., 2023). A isso se somam as experiências no mestrado em Comunicação, no doutorado em Antropologia e os estudos sobre psicanálise que atravessaram diferentes fases de sua produção (Lélia..., 2023). Esse mosaico sinaliza a pluralidade de referências a que seus trabalhos recorriam, assim como a amplitude de suas elaborações para o conjunto das Ciências Humanas. Não é uma atitude precipitada identificar nessa paisagem tão diversa as origens das análises com a assinatura da escritora. A combinação de engajamento e vivências universitárias culminou em intensos trânsitos por diferentes círculos nos anos 1970 e 1980.

González ajudou a fundar o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, posteriormente convertido em Movimento Negro Unificado (MNU). Fundada em São Paulo no ano de 1978, a entidade é simbólica para o enfrentamento ao preconceito no Brasil, segundo Carneiro (2024). Para a participação na política representativa, a intelectual engajou-se no Partido dos Trabalhadores (PT) e, em seguida, no Partido Democrático Trabalhista (PDT); sua trajetória nas legendas chegou à postulação de cargos eletivos. Seu intercâmbio internacional com representantes antirracistas e pesquisadores sobre as consequências da escravidão ao redor do planeta foi igualmente vigoroso (Carneiro, 2024).

Tais trocas se dão em um hiato que compreende o último período da ditadura civil-militar e os acesos para a redemocratização no país. É, portanto, um instante de reformulações que vão indicar os rumos que o país assumiria desde aquele ponto. Foram muitos os autores que se debruçaram sobre o momento,

com perspectivas diversas, para enxergar suas implicações políticas, sociais e culturais. A inclinação histórica de Ângela Gomes e Jorge Ferreira (2014), de olho em causas e consequências dessas passagens, é um exemplo. Ações de corte jornalístico, como as de Franklin Martins (2016a; 2016b), Elio Gaspari (2016) e, de alguma forma, de Celso Barros (2022) também acenam para a mesma direção – sem, contudo, conferir o mesmo valor ao debate racial.

Os primeiros movimentos em direção à democracia, após 21 anos sob os governos instituídos pelo golpe de 1964, incentivaram exames sobre a cultura popular no Brasil. A promulgação da Constituição Cidadã em 1988 adquire, assim, a condição de marco em um processo inaugurado na década anterior, com a recuperação gradativa de direitos políticos mediante a anistia, o retorno dos exilados e a retomada do pluripartidarismo – em um percurso repleto de inconsistências, reviravoltas e sobressaltos. É de se supor que o abrandamento do clima repressivo tenha servido de impulso para as pesquisas sobre manifestações que mobilizavam grandes contingentes de pessoas nas cidades.

Entre intelectuais, o direcionamento para o popular acompanhou investidas no exterior para o entendimento das nuances culturais e que, também na segunda metade do século, haviam assumido feições bem definidas. Seria possível mencionar as implicações locais da combinação, flagrada por François Cusset (2008), entre vertentes do pós-estruturalismo e das Ciências Humanas nos Estados Unidos. Outro notável desdobramento, bastante sensível, pode ter sido o dos Estudos Culturais britânicos: a visão das dinâmicas da multidão a partir de baixo, com E. P. Thompson (1998), ou a proposta para enxergar tecnologias contemporâneas, como a televisão em Raymond Williams (2016), parecem apontar para a mesma cena.

Diretamente sobre a cultura popular, uma linhagem dupla se distingue. A primeira face dá conta das disputas por meio de elementos como o riso, à luz das circulações em curso na sociedade, com nítida vinculação aos estudos de Bakhtin (2006; 2010; 2014). Em contrapartida, a segunda está centrada em tradições ibero-americanas e atenta-se para problemas como o das hibridizações e o do melodrama, com autores como Néstor García Canclini (1982) e Jesús Martín-Barbero (1996), respectivamente. Essas tendências apresentam cruzamentos com resultados assinalados por diferentes campos das Humanidades, e não devem ser encaradas isoladamente. Para a finalidade deste trabalho, três expressões da cultura popular brasileira serão enfatizadas: o futebol, o carnaval e o samba.

O problema da popularidade se move, assim, no sentido da brasilidade. A princípio, devido à vinculação desses elementos com o sentimento nacional demarcada por diferentes pensadores (Helal, 1997; Negreiros, 2003; Wisnik, 2008; Vianna, 2008; Lira Neto, 2017), com interesses distintos entre si. Em paralelo a isso, há uma profícua produção intelectual, do íterim da segunda metade dos anos 1970 ao princípio da década seguinte, que desperta atenção. À época, um intérprete do Brasil, contudo, acabou por despontar na comparação com os demais, e em consequência disso viu recair sobre suas publicações certo pioneirismo: é conferido a Roberto DaMatta determinado protagonismo, que deriva de livros do autor durante o mesmo período. Para isso, dois trabalhos exerceram funções centrais: *Carnavais, malandros e heróis* (1979), e *Universo do futebol* (1982).

O livro sobre a experiência carnavalesca no país converteu-se em um paradigma para os estudos a respeito do tema, ao se caracterizar como um trabalho de profunda inserção na visão geral do autor. Problematizada por críticos como Jessé Souza (2017), a divisão entre público e privado predomina nesse lançamento do fim da década de 1970. Por outro lado, é inegável que o grande mérito de DaMatta como pesquisador, com relação ao esporte, foi reunir um conjunto de pesquisadores das Ciências Humanas em torno do futebol. Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel juntam-se a DaMatta para tratar do tema – que, na época em que *Universo do futebol* veio a público, em 1982, tinha pouca legitimidade entre os pesquisadores nas universidades. E, décadas depois, continua em condição de inferioridade (Melo, 2007).

A despeito das negligências, em vários níveis, com essas manifestações populares, as investidas do autor repercutiram na academia e em outros setores da sociedade. Ronaldo Helal (2011), por exemplo, confere a *Universo do futebol* a condição de disparador para o rompimento com uma perspectiva apocalíptica diante da modalidade, cujas diferentes dimensões eram entendidas apenas pela capacidade de alienar a população. Em suma, era identificado no esporte um simplório caráter de dominação. A descontinuidade com essa linha de análise teria sido fundamental para a consolidação de um campo de pesquisa em Comunicação sobre as diversas expressões futebolísticas no Brasil – área acadêmica para a qual, vale destacar, o próprio comentador da obra de DaMatta empregou vigorosos esforços. É com relação ao carnaval, entretanto, que o reconhecimento de sua importância alcança grandiloquência.

A reação do jornalismo ao cientista social ressoa como um deslumbramento perante essa aura pioneira que paira sobre *Carnavais, malandros e heróis*. A cobertura em radiodifusão legou alguns exemplos: no aniversário de quatro décadas do lançamento do livro, em 2019, no rádio (Campos, 2019) e na televisão (Band Jornalismo, 2019), DaMatta foi saudado como o autor que despertou o interesse nas universidades e no mercado editorial pelos aspectos carnavalescos e pelos seus desdobramentos na sociedade brasileira. A efeméride induz a cobertura realizada pelas redações a uma distorção, que não se justificaria nem diante da atuação do autor com o esporte. Alguns casos ajudam a reforçar que houve obliterações. No que diz respeito ao futebol, Joel Rufino dos Santos (1981) havia organizado antes, a respeito do desenvolvimento da modalidade no Brasil, uma crítica que levava em conta diferentes formas de discriminação, o conflito entre classes e a questão racial, com ênfase no século XX. Preso político durante a ditadura civil-militar, o autor conciliava a ação política contra o regime, a militância no movimento negro e a produção intelectual (Joel..., [s.d.]). A despeito da extensão exígua do trabalho, o historiador estimulou pesquisas sobre as disputas sociais em décadas posteriores, entre as quais se poderia mencionar a de Euclides Couto (2014), e mesmo a de Renato Coutinho (2016).

Para o carnaval, particularmente para o samba, é nítido que o interesse pelo tema já havia se manifestado em outros pontos que transcendem a órbita de produção de DaMatta. Disso, a iniciativa de Nei Lopes (1981) é exemplar: em paralelo às suas participações em ações do movimento negro, o autor combinou a trajetória intelectual à carreira de compositor e intérprete – com lançamentos de discos e livros que romperiam o novo milênio (Nei..., [s.d.]). O período das chegadas às prateleiras das lojas especializadas permite conjecturar que o trabalho do sambista e *Carnavais, malandros e heróis* foram elaborados quase paralelamente. Isso relativiza o pioneirismo quase a-histórico que ecoa pela repercussão da imprensa.

Quando *Carnavais, malandros e heróis* completou quatro décadas, a reabilitação de González ajudou a relativizar tal caráter iniciador. A coletânea com textos esparsos intitulada *Por um feminismo negro afro-latino-americano* (2019), obra central na reinterpretação de seu legado, havia sido publicada no mesmo ano. O processo encorajado pela publicação passou pela reedição de seu livro sobre manifestações populares no Brasil (2024) e pelo perfil biográfico de autoria de Carneiro (2024). Em ambos há referências às aulas ministradas pela intelectual na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), no Rio de Janeiro, durante o intervalo entre 1976 e 1979 – uma experiência rica para a discussão a respeito da cultura popular por estabelecer o tema como mote para os cursos (Figura 1).

Figura 1: Cartazete do curso de Lélia González na EAV em 1976



Fonte: Acervo Memória Lage (González, 2024, p. 161).

Fundada em 1975, a EAV reuniu intelectuais atrelados a vanguardas artísticas e ligados à oposição ao regime que vigorava no país (EAV, 2025). O espaço para experimentações abrigou, assim, os cursos em questão logo após sua abertura. Embora ainda sejam escassos os registros sobre as aulas, a frase impressa no programa é direta: “A cultura negra no Brasil”. Dados como o dia da semana, o horário, a programação, a bibliografia acionada para as atividades em sala e a divisão por sessões vieram à tona com a retomada da obra de González. Contudo, mais interessante do que tudo isso é a abordagem empregada pela professora, depreendida a partir dos documentos por ora disponíveis aos pesquisadores.

Reconhecimento-desconhecimento: os cursos da EAV nos anos 1970

A aproximação de González com o assunto remete à dificuldade de dissociar a cultura popular da nação, cujas consequências são registradas por Martín-Barbero (1997) sob o cenário da península ibérica e da América Latina, e, quando o foco é no Brasil do século XX, por Marcelo Ridenti (2014) – autor que busca as ligações com bandeiras políticas e partidos em um período que se aproxima ao recorte desta pesquisa. As referências às expressões de grande aderência junto à população sobrepõem os debates acerca de nacionalismos ou da integração do país, motivo pelo qual os registros do curso serão ponderados perante o apelo diante das multidões. Ou seja, a ênfase está voltada para a popularidade.

O texto de apresentação do curso, que transitou entre interessados em arte moderna por meio de um jornal interno, recebeu o título “A presença negra na cultura brasileira” (González, 2024, p. 166). A exposição dos propósitos das aulas, de natureza mais geral, ajuda a reestruturar como a argumentação foi

desenvolvida na dinâmica com os alunos. E mais: contribui para que as questões que a motivavam sejam conhecidas. Dada a circulação na EAV, aquela introdução também deve ter chegado a outros professores e artistas. Em última análise, o texto sustenta o embasamento por trás daquele programa, destinado aos estudantes, e faz com que o problema do racismo seja reivindicado de modo distinto ao reafirmar a diversidade das influências culturais de matriz africana.

González é direta em relação aos objetivos da formação: “A proposição do curso sobre culturas negras no Brasil realizado no Parque Lage visa desenvolver um trabalho de reflexão crítica que possibilite a designação do lugar do negro na cultura brasileira” (2024, p. 159). Assim, as aulas teriam como meta a revalorização dessas permanências na contemporaneidade e, como consequência, o enaltecimento de identidades individuais e coletivas conectadas a essas tendências. “E, ao tentar apontar tal lugar, ele [o curso] pretende também trazer sua contribuição no sentido de que o próprio negro se situe e assuma a si e a seus antepassados enquanto presença marcante na nossa realidade cultural” (González, 2024, p. 159).

A apresentação reúne críticas à série de tradições no Brasil que conservam o racismo em suas múltiplas nuances: “Graças a suas diferentes modalidades reforçam-se os estereótipos a respeito do artista, do louco, da criança ou das culturas por ele designadas como primitivas” (González, 2024, p. 160). O texto formula, logo em seguida, um importante conceito para que a manutenção da discriminação seja mantida: “Sua eficácia, por conseguinte, se dá no nível do reconhecimento-desconhecimento de dada realidade cultural” (González, 2024, p. 160). González recorre a um termo extenso, que une duas palavras com sentidos opostos, para descrever a operação que preserva esse *status* racial, apresentando uma noção que nega reducionismos e se localiza nas ambiguidades que formam o país.

O conceito de *reconhecimento-desconhecimento* ampara-se no quão evidente é o racismo no Brasil, ao passo que igualmente capta a naturalização dos níveis de desigualdade em comparação com a população branca. “Reconhecimento, na medida em que a repetição de suas afirmações é dada com o reflexo dessa realidade; desconhecimento, na medida em que essa repetição escamoteadora exclui, mediante recalçamento, aquilo que não lhe interessa ser visto nessa mesma realidade” (González, 2024, p. 160). Uma ressalva demonstra como a interação dos dois termos que derivam do verbo conhecer não configura um paradoxo, mas é marcada pela ambivalência na qual os dois sentidos coexistem, de modo que “Vale notar que o excluído sempre aponta para os limites ou limitações do discurso que o exclui” (González, 2024, p. 160).

A apresentação defende que, para que as complexas relações de dominação sejam preservadas, a educação exerce função primordial. Segundo González (2024, p. 160): “A maior parte da população brasileira que passa pelas escolas ainda possui esse tipo de perspectiva, amenizada pela tendência condescendente (que se diz ‘humanizada’) em identificar o negro como infantil, irresponsável, intelectualmente inferior etc.”. É no trecho seguinte em que surge a menção às expressões da cultura popular no país: “Carnaval, futebol e macumba estariam aí para comprovar tais afirmações. Desnecessário dizer que o próprio negro brasileiro, socializado a partir dessa perspectiva, só poderia se ver segundo essas ‘verdades’” (González, 2024, p. 160).

Marcados pela africanidade, todos os aspectos carnavalescos, futebolísticos e até religiosos, a partir da profissão da fé ao candomblé ou à umbanda, por exemplo, reiterariam a inferioridade da população negra. A linha assumida pelo curso, obviamente, trabalhou para desfazer essa visão quando dedicou-se às particularidades das diferentes culturas que chegaram ao Brasil com o processo sistemático de sequestro, tortura e trabalho forçado que a escravidão representou. Para aprofundar essa crítica à utilização de manifestações com apelo junto às multidões para desprezar essas tradições, o texto de González lança mão de diferentes áreas das Ciências Humanas.

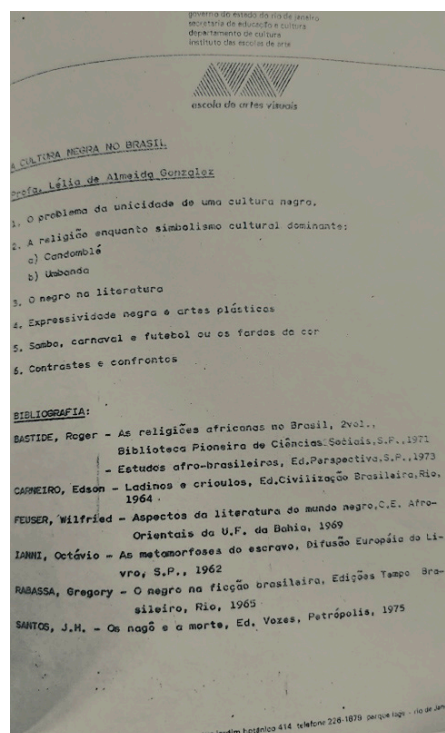
E isso porque, de acordo com a apresentação, foi o aprimoramento das pesquisas que possibilitou ataques contundentes à normalização do preconceito. “Todavia, o desenvolvimento teórico de ciências como a antropologia e a história permitiu que uma série de questões fosse colocada a partir de uma re-

flexão crítica. Até que ponto o negro resistiu ao processo de aculturação?” (González, 2024, p. 161). Daí se concatenam as demais perguntas que motivam o programa: “Até que ponto a violência da escravidão o submeteu? De que maneira os diferentes povos das diferentes culturas africanas se defrontaram com a nova realidade que lhes foi imposta? Qual a significação cultural de Benin, Oió, Ifé, Abeokutá, Congo, Angola, Luanda?” (González, 2024, p. 161).

A atenção à diversidade da África e às diferentes influências identificáveis no Brasil contribui precisamente para uma visão histórica que escape da unicidade mitológica africana – ou seja, o programa desvia da simplificação operada pelo preconceito. Prossegue o texto: “De que maneira as lutas internas na África repercutiram nas relações estabelecidas a partir da diáspora? Até que ponto o discurso do senhor submeteu e foi submetido pelo do escravo? Até que ponto o retorno do recalcado se fez sentir na cultura brasileira?” (González, 2024, p. 161). A identidade nacional é caracterizada pela presença de múltiplas tendências, que se combinam na formação da sociedade com que González e os estudantes conviviam.

O texto é concluído com a constatação dessa complexidade: “Tais questões evidentemente acabam por nos remeter à necessidade de repensar a cultura brasileira, uma vez que as diferentes culturas que contribuíram para sua formação, mediante complexo processo interinfluências, fizeram dela algo de peculiar, de diferente de cada uma delas” (González, 2024, p. 161). O estudo partia das continuidades e rupturas com essas tradições para encontrar um sentido para o Brasil. Na pesquisa da associação de González com expressões populares como o futebol e o carnaval, o programa previsto pela professora soma-se à argumentação com as justificativas do curso na EAV, com a divisão em seis sessões, que novamente traz menções ao esporte e às festividades de começo de ano (Figura 2).

Figura 2: Programa do curso “A cultura negra no Brasil”



Fonte: Acervo Memória Lage (González, 2024, p. 161).

Além da lista de referências – que aponta, na maioria dos casos, para a produção contemporânea, com publicações recentes, bem como para a equidade entre autores brasileiros e estrangeiros –, o programa secciona o desenvolvimento do curso. O documento oferece uma dimensão do agrupamento dos assuntos, do fluxo das aulas e sugere as abordagens em sala. Até então, não vieram a público trechos em áudio ou vídeo com as dinâmicas entre González e as turmas, que poderiam ajudar a superar algumas lacunas. Todavia, o registro demarca alguns indicativos atinentes ao futebol, ao samba e ao carnaval – e que, ato contínuo, também podem ser estendidos à cultura popular no Brasil.

Abaixo da marca d'água da instituição promotora, há seis tópicos que dão a entender como foram subdivididas no documento as aulas: 1) O problema da unicidade de uma cultura negra; 2) A religião enquanto simbolismo cultural dominante (com seções para candomblé e umbanda); 3) O negro na literatura; 4) Expressividade negra e artes plásticas; 5) Samba, carnaval e futebol ou os fardos da cor; e 6) Contrastes e confrontos. Pela inserção na própria instituição, os interesses pelas artes visuais se explicam quase automaticamente. Mas a lista intriga sob inúmeros prismas, embora a discussão sobre cultura popular coloque em posição de maior evidência um item do programa divulgado pela EAV.

É inegável que o tópico cinco, que agrega samba, carnaval e futebol denota a sintonia com os gestos ao redor desses elementos da cultura popular para o longo período de redemocratização no Brasil. No entanto, a rubrica dos “fardos da cor” sugere outros tons à sessão – e faz presumir que essas expressões no país seriam maculadas por traços depreciativos. A leitura isolada da subdivisão levanta até a suspeita de que haveria uma aura de manipulação da ingenuidade da população no entorno dessas manifestações graças à inclinação que essa simples linha, presente no documento, transpareceria a interpretações apressadas. O exame de outros esforços de González ao redor do mesmo assunto desfaz, contudo, o mal-entendido.

Para dissipar a incompreensão, o estudo que explora o profundo conceito de *neurose cultural brasileira* (González, 2019b), inicialmente publicado nos anos 1980, oferece respostas. A princípio, por novamente trabalhar com as diferentes camadas de samba, carnaval e futebol; em paralelo a isso, pelo fato de haver a confissão por parte da autora de que muitos dos achados de suas pesquisas originaram-se da convivência no Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, na Zona Norte carioca. Como González reconhece que o conhecimento floresceu com essas vivências, a suspeita de que seu pensamento incorra em maniqueísmos ou em um olhar que enxergue qualquer manipulação orquestrada para perpetuar as desigualdades nessa expressão popular não resiste.

Da agremiação, participavam ainda intelectuais como Lopes e o próprio Candeia – que, na década de 1970, publicou em parceria com Isnard Araújo (2023) uma densa reflexão sobre as escolas de samba e o carnaval. A iniciativa curiosamente se vale de uma metáfora do futebol, em outro indicativo dos cruzamentos entre os elementos da cultura popular (Candeia; Araújo, 2023, p. 123). Dados biográficos de González acenam para a valorização dessas expressões: irmã do jogador Jaime de Almeida – famoso pelas conquistas com o Clube de Regatas do Flamengo (Almeida, 2022) –, ela teve sua formação custeada por rendimentos vindos do futebol devido às relações familiares (Carneiro, 2024). Tião, seu outro irmão, também foi atleta profissional (Carneiro, 2024). Há muitos registros que reforçam a gratidão da intelectual.

As lentes críticas de Lélia González se adequam bem ao panorama transicional que culmina na posse de José Sarney, primeiro presidente civil desde o golpe de 1964. As ênfases na questão racial ao encarar a cultura popular comportam muito bem a morosa abertura na estrutura ditatorial, mas não se restringem ao período. De modo abrangente, a produção da autora teve como intuito colocar em evidência a permanência dessas desigualdades, dentre as quais a discriminação contra a população negra se sobressai (Carneiro, 2024). A preocupação não está encapsulada na viragem para os anos 1980, nem na conjuntura específica desse intervalo em uma perspectiva institucional: é a formação social do país como um todo que suscita essa inquietação intelectual.

Isso equivale a dizer que a concepção da autora não é datada, e os impasses da vida nacional foram preservados em inúmeros níveis. Por um lado, a comunicação concentrada em um pequeno grupo de conglomerados de radiodifusão no Brasil convive em um complexo ecossistema atual digitalizado, com novos atores relevantes para a cena pública. Por outro, a circulação de informação continua restrita ao controle de poucos empresários, agora sob a influência das marcas que administram as plataformas internacionais. Nesse sentido, as expressões da cultura popular no país precisam passar pelas mediações em curso, e as desigualdades resistem. Por não estar represado nas aulas mencionadas e ser transversal em toda a obra, o enfoque nas tradições negras segue pertinente, ainda que mediante tamanhas transformações.

Trabalho de reflexão crítica: considerações finais

A constância dos autoritarismos no Brasil, a despeito das mudanças sociopolíticas desde as aulas de Lélia González na EAV, salienta que continuaram a circular pela sociedade os valores que haviam imposto e sustentado o regime até 1985. Os estudos a respeito da cultura popular ajudam a focalizar como essas ideias estiveram em movimento para além da institucionalidade dos partidos políticos, dos salões do Judiciário, das sessões do Legislativo ou dos gabinetes do Executivo. Por isso, a autora contribui com novas pistas para a compreensão do processo de abertura com a redemocratização, o retorno dos civis ao Palácio do Planalto e a participação do movimento negro. O momento em que essas pesquisas se inserem oferece, ainda, indícios de que a atenção ao tema não era isolada.

Seria passível de menção as ações de Roberto Ramos (1984) para a investigação do futebol no Brasil, quando antes da metade dos anos 1980 foram desenvolvidos estudos sobre o tema. Ao lado de González, Joel Rufino dos Santos (1981) e Nei Lopes (1981) também deslocam suas análises para os confrontos em curso na sociedade brasileira. A questão racial aflora desde o primeiro olhar para os trabalhos sobre a cultura, mas acima de tudo o que essas ações têm em comum é a politização, no sentido mais amplo, das manifestações populares com o intuito de realçar tradições históricas que contrapõem-se às tentativas de controle de setores inferiorizados. A escravidão e os violentos processos que decorreram desse sistema de dominação ganham relevo.

As oposições em Roberto DaMatta têm outros contornos. Enquadramentos sobre os universos carnavalesco (DaMatta, 1979) e futebolístico (DaMatta *et al.*, 1982) são centrados no conjunto de sua obra e distantes, por exemplo, das reivindicações dos movimentos sociais, que àquela altura começavam a invadir a cena pública com a sucessiva derrubada dos cerceamentos levantados pela ditadura civil-militar. As associações desses pesquisadores com o que acontecia nas ruas é o principal diferencial para a comparação – seja em ações políticas contra o regime e em defesa da população negra, seja em práticas coletivas proporcionadas pelas expressões da cultura popular –, cujos exemplos principais são o samba e o carnaval.

Colocar em relação os dois horizontes teóricos não tem como finalidade realizar um revisionismo histórico, descredenciar publicações como *Carnavais, malandros e heróis* ou *Universo do futebol*, nem reduzir os méritos de qualquer autor. A intenção é, sobretudo, reforçar como, em um breve período, as investigações sobre a cultura popular ganharam fôlego no Brasil. E, do ponto de vista da pluralidade, intenciona-se enaltecer o empenho de González em meados dos anos 1970 para pôr em pauta as questões, com pensamento crítico a partir da imbricação de traços de sua militância com fatores caros aos círculos acadêmicos, com a utilização de uma bibliografia pertinente e o diálogo com referências atualizadas.

É, sim, um objetivo deste artigo recalcular a proporção de pioneirismos em geral com os atos fundadores e protagonistas da autora, com efeito, na retórica criada, fortalecida e sustentada por veículos jornalísticos. Coberturas sobre comemorações de datas marcantes proporcionam circunstâncias propícias a esses ruídos, em particular em casos que envolvam a radiodifusão, uma vez que meios de comunicação como o

rádio e a televisão são definidos pela oralidade e conseguem atingir públicos diferenciados e amplos. Reparar distorções, apontar para correntes simultâneas de pensamento e colocar em perspectiva reflexões de autores experimentados por contextos díspares são atitudes interessantes para alcançar esses objetivos.

Uma coincidência chama atenção: DaMatta e González foram professores, em períodos distintos, da mesma instituição. Em um bairro vizinho ao Jardim Botânico, onde está localizada até hoje a EAV, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), situada na Gávea, veio a abrigar os dois pesquisadores, com suas óticas dissemelhantes. A institucionalização dos estudos da autora é outro ponto que evidencia tensões, em especial no que diz respeito aos cursos ministrados na instituição voltada para as artes visuais. Até o fim de sua colaboração, foram plurais as realizações da intelectual como professora no Parque Lage – a despeito de, para fins de sistematização, este artigo ter privilegiado o exame do ano de 1976.

A EAV não constituiu-se no passado como um polo universitário, nem se converteu desde então em um círculo acadêmico por excelência porque a instituição posiciona-se em um campo limítrofe no contato com os intelectuais. Estudiosos experientes habituados à pós-graduação coabitam o núcleo de criação e promoção das artes visuais com artistas imersos no trato cotidiano com peças de arte. Os delineamentos institucionais próprios ao Parque Lage e a inserção de González no quadro docente da EAV recomendam que sua trajetória seja encarada com delicadeza para que simultaneamente a sua produção e as divisas que demarcam as fronteiras do universo composto pelas universidades venham a ser enxergadas.

Nesse movimento, a divulgação dos fac-símiles relacionados a essa professora da EAV nos recentes volumes que chegaram ao mercado editorial se mostra um facilitador de pesquisas. Estão presentes na reedição do livro sobre as festividades populares no país de autoria da intelectual o cartazete (González, 2024, p. 162) e o texto introdutório de “A cultura negra no Brasil” (González, 2024, p. 166), ao passo que o programa ressurgiu no perfil da autora redigido por Carneiro (2024, p. 67). Alcançar os limites que definem campos acadêmicos e o setor universitário de modo generalizante é uma missão mais prolífica por causa do autoritarismo: os anos 1970 ainda estavam afundados na violência política reforçada pelo regime, mesmo que a aproximação com a década seguinte determinasse algum abrandamento da ditadura civil-militar.

É nessa virada que estão cravados os cursos de González, que projetam diálogos com grupos de pesquisadores inseridos em departamentos específicos do Ensino Superior e com escritores ou artistas que não necessariamente tratam das mesmas referências. Os dois conjuntos de atores poderiam também não transitar pelos mesmos espaços, de modo que enxergar os pontos de contato é outro potencial que o estudo possibilita. Até porque não é somente na EAV que essa disposição é flagrada. A circulação de González por ambientes com sambistas, por agremiações destinadas a desfiles de carnaval, por movimentos sociais, particularmente aqueles vocacionados ao enfrentamento do preconceito racial, e por partidos políticos na eclosão do pluripartidarismo guarda sinalizações sobre os trânsitos da intelectual e a respeito das ideias que deslocavam-se pela sociedade.

O horizonte de González preconiza a agitação e dá sinais sobre os obstáculos colocados diante dos acenos antiautoritários no período, mas as interrelações com futebol, samba e carnaval foram por ela abordadas apenas por meio dos cursos da EAV. Assim, carecem de atenção os contornos que esses elementos da cultura popular no Brasil adquirem no conjunto da obra da intelectual. Um olhar histórico sobre o seu pensamento traria à tona, por exemplo, fases em que uma dessas expressões de grande popularidade foi privilegiada em detrimento das demais – ou até os hiatos nos quais a predisposição a investigá-los perde força em detrimento da ação direta, que se desdobrava por frentes de atuação política.

Os grupos de pressão junto ao Legislativo e ao Executivo, para exemplificar, exigiram uma intensa dedicação. As dimensões de futebol, samba e carnaval reaparecem no central trabalho “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (González, 2019b), em que a autora conceitua o racismo como a neurose cultural brasileira, a despeito das novas fisionomias. Os entrecruzamentos que faz entre os universos futebolístico e carnavalesco anunciam a sólida imbricação entre esporte e música no Brasil do século XX. A associação,

de grande popularidade, igualmente necessita de mais estudos e não cabe ao presente artigo esgotá-la. As limitações, contudo, demonstram caminhos que futuras pesquisas podem trilhar, inclusive para levar em consideração a complexidade inerente aos escritos de González até os anos 1990.

Uma comparação dos documentos sobre as aulas por ela ministradas na década de 1970 com aquele texto poria em questão continuidades e impermanências no pensamento da autora. Acima dessas questões, a inclinação psicanalítica presente nessa publicação em especial (González, 2019a) demanda mais empenho. A forma como a intelectual mobiliza conceitos desse campo não foi priorizada neste estudo, mas seria digna de outras iniciativas, porque é perceptível a reincidência da psicanálise em suas reflexões. Mais projetos para reavaliar González encontram grandes potencialidades no olhar vivo, direcionado para as dinâmicas políticas e sociais, que prezam por aproximações não dicotômicas ao escapar de respostas fáceis diante dos históricos impasses do Brasil.

Referências

- ALMEIDA, J. O povo é Flamengo. Com todo respeito, é time de preto. De quem tem menos dinheiro. In: HERBERT NETO, H. **Conte comigo: Flamengo e democracia**. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022. p. 65-78.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Mérida e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. (Valentin Volochínov, Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira, com colaboração de Lucia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.
- BAND JORNALISMO. Livro “Carnavais, malandros e heróis” completa 40 anos. **YouTube**, on-line, 30 nov. 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/-9tNLNZHnyI?si=K9MHYLTkHdMHQhE7>>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- BARROS, C. R. **PT, uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BARROS, J. D. História cultural e história das ideias: diálogos historiográficos. **Cultura Revista de História e Teoria das Ideias**, Porto, v. 21, p. 1-23, 2005.
- CAMPOS, J. Histórias de Carnaval: Roberto DaMatta relembra obra “Carnavais, Malandros e Heróis”. **Rádio MEC (Entrevista)**, on-line, 7 mar. 2019. Disponível em: <<https://radios.ebc.com.br/especiais-radio-mec/2019/03/historias-de-carnaval-roberto-damatta>>. Acesso em 13 jan. 2025.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio N. P. Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CANDEIA FILHO, A.; ARAÚJO, I. **Escola de Samba: árvore que esqueceu a raiz**. Rio de Janeiro: Editora Carnavaliza, 2023.
- CARNEIRO, S. **Lélia González: um retrato**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2024.
- CARVALHO, J. M. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 123-152, 2000.
- COUTINHO, R. S. **Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1945)**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2019.
- COUTO, E. F. **Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- CUSSET, F. **Filosofia francesa: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & cia**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1979.
- DAMATTA, R.; FLORES, L. F. B. N.; GUEDES, S. L.; VOGEL, A. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

- EAV – PARQUE LAGE. Sobre. **Escola de Artes Visuais do Parque Lage**, Rio de Janeiro [on-line], [s.d.]. Disponível em: <<https://eavparquelage.rj.gov.br/escola>>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- FERREIRA, J.; GOMES, A. C. **1964: O Golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- GASPARI, E. **A ditadura acabada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- GONZÁLEZ, L. **Por um feminismo negro afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2019a.
- GONZÁLEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZÁLEZ, L. **Por um feminismo negro afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2019b. p. 75-93.
- GONZÁLEZ, L. **Festas populares no Brasil**. São Paulo: Editora Boitempo, 2024.
- HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- HELAL, R.. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 21, p. 11-37, 2011.
- JOEL RUFINO DOS SANTOS. **Memorial da Resistência de São Paulo**, São Paulo [on-line], [s.d.]. Disponível em: <<https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/joel-rufino-dos-santos>>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- LÉLIA GONZÁLEZ. **Literafro UFMG**, Belo Horizonte [on-line], 15 jul. 2023. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/ensaistas/1204-lelia-gonzalez>>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- LOPES, N. **O samba, na realidade: a utopia da ascensão social do sambista**. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1981.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARTINS, F. **Quem foi que inventou o Brasil? A música popular conta a História da República**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a.
- MARTINS, F. **Quem foi que inventou o Brasil? A música popular conta a História da República**. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015b.
- MELO, V. A. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 11-41, set.-dez, 2007.
- MELO, V. A.; FORTES, R. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul.-dez. 2010.
- NEGREIROS, P. J. L. C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003.
- NEI LOPES. **Dicionário MPB Cravo Albin da Música Popular Brasileira**, on-line, [s.d.]. Disponível em: <<https://dicionariompb.com.br/artista/nei-lobes/>>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- NETO, L. **Uma história do samba: as origens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- RAMOS, R. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

RIDENTI, M. **Em busca do povo brasileiro**: artistas da revolução, do CPC à Era da TV. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

SALIBA, E. T. História cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. **Revista de História**, São Paulo, n. 176, p. 1-39, 2017.

SANTOS, J. R. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SILVA, R. História intelectual e teoria política. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 301-318, out. 2009.

SOUZA, J. **Elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIANNA, H. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora; Editora da UFRJ, 2008.

WILLIAMS, R. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. Tradução de Márcio Serelle e Mário. F. I. Viggiano. São Paulo: Editora Boitempo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Informações do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

O artigo insere-se na pesquisa de pós-doutorado “Cobertura esportiva em radiodifusão e culturas políticas: das transmissões em rádio e TV no século XX à digitalização do novo milênio”, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Fontes de financiamento

Este estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), Processo SEI – 260003/005791/2022.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Não se aplica.

Informações sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Sim.

Liste os financiadores da pesquisa:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculo deste tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculo deste tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

O tratamento com os documentos históricos foi acompanhado pelos devidos cuidados éticos.